



A cruz na tradição litúrgica cristã: a teologia medieval da cruz em forma de Tau

The cross in the christian liturgical tradition:
medieval theology of the Tau-shaped cross

*Richard Strazza da Silva**

Recebido em: 13/05/2024. Aceito em: 23/01/2025.

Resumo: *A cruz tem história que atravessa os persas, os romanos, os gregos, os hebreus e chega aos cristãos. Ela passou de instrumento de medo, castigo e morte, para sinal cristão – como bandeira de vitória para aqueles que se mantêm em luta pela vida. É possível identificar que essa cruz da qual Jesus carregou sobre os ombros fosse aquela do Tau. Este nome deriva da letra T do alfabeto grego, chamada ‘tau’. É certo que aparecem na iconografia dos primeiros séculos outras formas de cruz como o da âncora, da árvore mantida como antena de um navio que suporta as velas para navegar, da haste de sustentação, dentre*

* Doutorando em Teologia com ênfase em Liturgia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2024). Mestre em Teologia Litúrgica (Pontifícia Università della Santa Croce, Roma, 2013). Licenciatura em Filosofia (Centro Universitário Assunção – UNIFAI, São Paulo, 2006). Graduação em Teologia (Faculdade Dehoniana, Taubaté, 2008). Licenciatura em Pedagogia (Faculdade de Açuá, SP, 2010). Especialização para Formadores de Seminários e Casa de Formação (Faculdade Dehoniana, Taubaté, 2008). Especialização em Docência no Ensino Superior (Centro Universitário Fundação de Ensino Otávio Bastos – UNIFEOB, São João da Boa Vista, SP, 2009). Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (Centro Universitário Fundação de Ensino Otávio Bastos – UNIFEOB, São João da Boa Vista, SP, 2009). Especialização em Prática de Letramento e Alfabetização (Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ, Santa Rita de Caldas, MG, 2009). Especialização em Espiritualidade (Faculdade Vicentina – FAVI, São Paulo, 2011). Especializando em Análise Existencial e Logoterapia Frankliana (Centro Universitário Católico Ítalo, São Paulo, 2024). Membro do grupo de pesquisa “José Comblin” da PUC São Paulo. Docente do Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto (CEARP) – Brodowski-São Paulo. Reitor do Seminário São João Maria Vianney da Diocese de São João da Boa Vista-SP (Etapa da Configuração). Diretor da Escola Diaconal “Dom Tomás Vaquero”. Assessor Diocesano para o Diaconato Permanente.

E-mail: pestrazza@gmail.com.

ID Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2707780096617282>.



outros. Porém, os primeiros cristãos quando reunidos para celebrar nas catacumbas, deixaram impressas nas suas paredes a cruz em forma de Tau. Este tipo de cruz, portanto, traz consigo uma realidade histórica, bíblica, teológica, mas também litúrgica. Nas Sagradas Escrituras, várias passagens do Antigo Testamento fazem referência à cruz. Ela é apresentada como Tau e pontuam sempre o intervento divino na história de salvação. Com mais expressividade, aparece no Novo Testamento, quando se torna, a partir de Cristo, um sinal de prova de amor. Ali a cruz é contemplada como centro de conversão do amor, por isso tem características evidentes da espiritualidade cristã. A história, a bíblia e a Igreja – dentro do contexto dos santos padres e do magistério – trazem consigo a cruz como mistério revelado no momento da paixão e morte de Cristo, mas sobretudo como instrumento de salvação. Ela foi ressignificada quando Cristo foi levantado sobre ela, e a liturgia apresenta este sinal nos espaços celebrativos, nas orações, nos gestos e, sobretudo na espiritualidade; a liturgia atualiza o sacrifício de Cristo e celebra sua vitória sobre a morte de cruz, que segundo a tradição se deu sobre a cruz de Tau. Contudo, a cruz é um símbolo comum: é a cruz que preside a celebração; que precede a procissão e convida a assembleia a se reunir; está presente nas casas de família; os bispos a carregam sobre o peito e o papa a tem como báculo; a cruz é usada como ornamento levada no pescoço; os vários sinais de cruz feitos sobre pessoas e coisas: antes de comer, ao dormir e levantar, ao início e fim da Missa, etc. Na cruz se resume todo mistério de Cristo. A cruz ilumina o caminho, vence o mal, apresenta Deus, é imagem concreta do amor, dá esperança, assegura a vitória de Cristo, é profissão de fé, é sinal de pertença a Deus, faz sentir-nos salvos por Cristo. Porque o cristianismo celebra Cristo morto e ressuscitado, a cruz é o arquétipo eminente da ação salvífica de Deus e o modelo da resposta do homem.

Palavras-chave: cruz; sinal, liturgia.

Abstract: The cross has a history that goes through the Persians, Romans, Greeks, Hebrews, finally arriving to Christians. It has turned from an instrument of fear, punishment, and death to a Christian sign – like victory banner to those who keep fighting for live. It is possible to identify that the cross Jesus carried upon his shoulders was the one of Tau. This name comes from the letter T of the Greek alphabet, named 'Tau'. It is certain that other forms of cross are portrayed in first centuries iconography, such as the anchor, the tree that, like an antenna, supports the sails of a ship, the supporting stem, among others. However, the first Christians, when reunited to celebrate in the catacombs, left imprints of the Tau-shaped cross on its walls. Therefore, this kind of cross, bears with it a historical, biblical, theological reality, as well as a liturgical one. In the Holy Scriptures, many passages from the Old Testament reference the cross. It is presented as Tau-shaped, and always point out to divine intervention on the salvation history. With greater expressivity, it appears in the New Testament, when it becomes, starting from Christ, a sign for proof of love. There the cross is contemplated as the center of conversion to love, thus having evident traits of Christian spirituality. The history, the Bible, and the Church – in the context of the Holy Fathers and of the magisterium – bear with them the cross as a revealed mystery at the moment of the passion and death of Christ, but, mainly, as an instrument of salvation. It has been ressignified when Christ was lifted upon it, and the liturgy presents this sign in the celebrative spaces,



in the prayers, in the gestures and mainly in spirituality; the liturgy brings Christ's sacrifice up to date and celebrates his victory over the death on the cross, which, according to the tradition, took place on a Tau-shaped cross. However, the cross is a common symbol: it is the cross that presides the celebration; that goes first in procession, inviting the assembly to come together; it is present in households; the bishops carry it over their chest and the pope has it as his crozier; the cross is used as ornament carried on the neck; the various signs of the cross done over people and things: before eating, upon sleeping and waking, starting and ending the Mass, among other. In the Cross, all the mystery of Christ is summarized. The Cross lights the way, defeats evil, presents God, is concrete image of love, gives hope, makes sure of the victory of Christ, is profession of faith, is sign of belonging to God, makes us feel saved by Christ. Because the Christianity celebrates Christ dead and risen, the cross is the eminent archetype of God's salvific work and the model of response from the humankind.

Keywords: *cross; sign; liturgy.*

Introdução

Na cruz está revelado o mistério de Deus. É neste lugar de escândalo para alguns e morte para outros, que os cristãos encontraram a motivação de sua vida e o caminho para a salvação. Dentre as inúmeras imagens de cruz que a história apresenta, uma das mais antigas é aquela em forma de Tau, que logo no princípio dos séculos, já fora adotada como um sinal de entrega e de amor de Deus à humanidade e, portanto, um sinal que salva e marca o cotidiano da vida cristã. O presente trabalho pretende apresentar cruz em forma de Tau e suas fundamentações. Esta letra contida em alguns alfabetos de culturas antes e depois de Cristo, foi causa de estudos patrísticos e interpretações teológicas.

Enfim, como o mistério da cruz é central nos sacramentos, será abordado a história do Tau, na liturgia, suas raízes bíblicas, um breve estudo sobre a iconografia paleocristiana, o que é e o que representa a cruz na liturgia, o que os santos Padres e o magistério refletiram sobre esta simbologia e, concluindo, será apresentada uma síntese teológica.

1 Simbologia do Tau na história

A história da cruz começa fora do cristianismo. A prática da crucifixão tem origem persa. Os bárbaros crucificavam os oficiais e militares como castigo político. Logo ela foi adotada pelos romanos e gregos. No império romano acontecia a flagelação (Fiores; Goffi, Guerra, 1991, p. 368) do condenado, depois o mesmo levava a vara transversal para o lugar



do suplício – esse era o modo de crucificarem sobre a cruz em forma de Tau grego. O Tau era uma vara transversal em cima de uma vara vertical. O condenado poderia estar totalmente desnudo, cabeça para cima ou para baixo, às vezes empalado, com os braços estendidos (Leclerc, 1914-1916, vol. 13, p. 3049; Pikaza, 1992, p. 317). A parte transversal dessa cruz é chamada de *patibulum*; por isso Jesus, depois de ser flagelado, não conseguiu carregar o peso do *patibulum* bastante pesado e precisou de ajuda (Allmen, 1964, p. 68). A cruz não era alta. Em forma de T, era suficiente para que os pés do condenado não tocassem a terra, enquanto suas mãos eram presas na vara transversal (*patibulum*) com cordas ou com cravos. Como a cruz em Tau não fosse maior que a pessoa, Jesus ficou na mesma altura que os ladrões. Este suplício tinha caráter escandaloso e obsceno, e o condenado morria por asfixia (Ramos, 2001, p. 250-251). Algumas provas históricas dizem que os pés ficavam apoiados sobre um estribo e que no madeiro vertical houvesse um assento para sustentar o corpo do condenado.

No alfabeto hebraico o Tau é a última letra e significa ‘sinal’. Já na antiga escritura do Sinai se refere à ‘marca do juízo’, ‘sinal feito com o fogo’ e ‘sinal de crédito público’ (Rahner, 1995, p. 696). O Tau era na concepção alfabética primitiva uma espécie de sinal de cruz (+) ou de um ‘xis’ (x). No alfabeto fenício-hebraico esta letra aparece sinalizada com x. Já no alfabeto fenício o Tau é simbolizado pela cruz (Rahner, 1995, p. 696). O judaísmo se firmava sobre as letras do alfabeto para dizer que Deus havia feito o mundo usando de 22 delas, inclusive o Tau – letra que dá início à palavra *Torá*, a encarnação da santa lei (Rahner, 1995, p. 698). Os hebreus usavam a prática de assinalar ou de ungir uma pessoa com a cruz do Tau, como sinal de arrependimento e distintivo espiritual – sinal de consagração a Deus (Fiores; Goffi, Guerra, 1991, p. 368). Aqui, um dado importante: os pesquisadores modernos afirmam que o Tau, correspondente a uma nova interpretação judaica, fosse de forma quadrada, e não aquela de *Ezequiel*, justamente porque os cristãos haviam aceitado com muita facilidade que este sinal prefigurasse a cruz de Cristo (Rahner, 1995, p. 699).

Diferentemente da articulação hebraica o alfabeto grego escreve o Tau em forma de T. Por isso, não era difícil para um grego ver na letra Tau uma forma de cruz, pois nesta realmente havia tais dimensões. A letra representava o fim da vida e o modo de morte vergonhosa de um escravo (Rahner, 1995, p. 700). Por isso, o sentido do Tau era destrutivo: representava uma dor, uma punição, a morte. O Tau na tradição grega é o símbolo do número 300. Esta é a magia do Tau para os pitagóricos, pois 300 é 3 vezes 100 – um número perfeito (Rahner, 1995, p. 701).



2 Raízes bíblicas

2.1 Referência numérica do Tau no Antigo Testamento

O Tau, além de corresponder à cruz, se refere também ao número 300 da cultura grega. É possível realizar uma análise alegórica nos livros sagrados. Em *Gênesis* 6,15 faz uma referência aos 300 côvados da arca da aliança (Nova Vulgata, 1986, p. 12). Em contrapartida *Gênesis* 14,14 recorda os 300 servos de Abraão que saem com ele para libertarem Lot que está prisioneiro (Nova Vulgata, 1986, p. 21). O número 300 aparecerá inúmeras vezes no Antigo Testamento determinando situações, coisas ou pessoas.

2.2 Referência numérica do Tau no Novo Testamento

Quando em *Mateus* 5,18 Jesus diz que nenhum *iota* ou *keriaia* seriam esquecidos, estes vêm aplicados à simbologia da cruz. Isto se justifica pelo fato de que o traço transversal que vai em cima do chamado *keria*, constitui o Tau e vem aplicado ao mistério da cruz. Afirmava um autor antigo que assim como a árvore do navio leva a sua antena transversal, assim também é o Tau (Rahner, 1995, p. 692). Na Vulgata latina as palavras de *Mateus* 5,18 conservou o antigo som “*Iota unum aut unus apex non praeteribit a lege, donec omnia fiant*” (Nova Vulgata, 1986, p. 1854), e, por isso, *iota* e til (~) resultam um Tau, que é semelhante à cruz. Esta menção numérica também pode ser feita em relação aos 300 denários gastos para o unguento utilizado em Jesus de acordo com *Marcos* 14,5 e *João* 12,5 (Nova Vulgata, 1986, p. 1933 e 2030). Essa imagem do Tau apresenta a cruz como sinal místico. Segundo os gregos o número 300 equivale à perfeição. Perfeição esta que seria aplicada ao Cristo e seria uma justificativa própria da sagrada escritura em apresentar inúmeros textos cujo número 300 simboliza totalidade. Neste sentido São Paulo dirá que para os judeus a cruz é escândalo e para os gregos é loucura (Nova Vulgata, 1986, 1Cor 1,18-25, p. 2137). Para ambos existe a estranheza da cruz. Os judeus também a viam como sinal da maldição de Deus. E quando pensavam semelhante definição, faziam do Tau um instrumento repugnante. Mas para os cristãos, ela é o mais perfeito recurso de salvação e regra de vida (Nova Vulgata, 1986, Gl 3,13, p. 2176).



2.3 A prefiguração do Tau no Antigo Testamento

As figuras típicas da cruz de Tau na Bíblia são: a primeira se refere ao sacrifício de Isaac, ou seja, à lenha que carregou sobre os ombros para ser usada no seu sacrifício que o próprio pai Abraão realizaria (Nova Vulgata, 1986, Is 9,6, p. 31). Isaías dirá que o reino é sobre suas costas (Nova Vulgata, 1986, 1Cor 1,18-25, p. 1263). Prefigurando que Jesus carregaria a cruz pelo Reino de Deus e a sua justiça. A segunda é aquela que se trata da serpente de bronze levantada por Moisés no deserto. Esta prefigura a haste vertical da cruz. Aqui a cruz é remédio e salvação (Nova Vulgata, 1986, Nm 21,4-9, p. 223). A terceira imagem é a da extensão das mãos: formulação quase plástica da crucifixão de Jesus, que faz referência ao texto de *Êxodo* 17,8-13 (Nova Vulgata, 1986, p. 108). Este relata que Amalec veio atacar Israel. E Moisés tendo subido na colina, matinha os braços levantados. Enquanto assim ficava, Israel vencida. Porém, quando se cansava e os abaixava, Israel perdia a batalha. Então Aarão e Hur ficaram sustentando os braços de Moisés até que Israel ganhasse. Também em *Isaías* 65,2 existe a mesma referência (Nova Vulgata, 1986, p. 1362). A passagem diz que todos os dias Deus tem estendido suas mãos a um povo rebelde e contraditório. A quarta se refere à visita que alguns filhos de Israel fizeram à terra de Canaã. Ou seja, alguns foram vasculhar e vislumbrar a futura terra que Deus haveria de lhes dar. Quando estes retornaram para junto do povo trouxeram consigo um grande cacho de uva, que precisou ser portado por dois homens sobre uma vara (Nova Vulgata, 1986, Nm 13,23, p. 211). Esta vara que carregava o cacho de uva é imagem do Tau. E a quinta se refere a *Ezequiel* 9,4, uma das mais importantes menções do Tau. Aqui o Senhor pede para que o profeta vá a Jerusalém e assinale com o Tau todos aqueles que ainda suspiravam e gemiam depois das abominações que haviam cometido. Essa marca era aquela da salvação e da vida (Nova Vulgata, 1986, Ez 9,4, p. 1524).

2.4 A imagem do Tau no Novo Testamento

Todas as imagens do Antigo Testamento que se referem ao Tau, culminam em duas únicas passagens do Novo Testamento: a primeira é de *João* 3,14-15. Lá menciona Cristo levantado como a serpente no deserto e que atrai a atenção de todos. Logo, o mesmo Tau que levantou a serpente no Antigo Testamento, levanta também o Cristo no Novo Testamento (Nova Vulgata, 1986, p. 2009). E a segunda é de *Apocalipse* 22,4 (Nova Vulgata, 1986, p. 2305). *João* diz que todos os que verão a



face de Deus, trarão marcadas em suas frentes o nome do Senhor. Ora, o nome do Senhor salva, é remédio e perfeição. Se a perfeição pertence ao Altíssimo, logo os que se apresentarem diante dEle trarão em suas frentes a marca do Tau, a marca da salvação.

3 A iconografia do Tau

No antigo cristianismo a *crux commissa* era muito familiar – T (Leclerc, 1914-1916, vol. 13, p. 3061). Mas não era tão conhecida nos tempos posteriores, de tal forma que a mais conhecida foi a *crux immissa* (+) (Rahner, 1995, p. 727). Os cristãos demoraram certo tempo para representar a crucifixão por causa do horror. As catacumbas são o primeiro espaço cristão que o Tau aparece – e aparece como âncora (Pikaza, 1992, p. 323). Exemplos são as *catacumbas de Domitilla* (Vorreux, 1935, p. 77) do século III, onde existem inúmeras inscrições com cruzes que determinavam o sono em Cristo dos cristãos mortos (Urech, 1995, p. 69). Representavam o Cristo sobre a cruz de Tau (Vorreux, 1935, p. 76; Cabrol; Leclerc, 1914-1916, p. 351-352). Ainda na antiguidade cristã, as fachadas dos santuários e das habitações eram adornadas com o sinal da cruz. Esta lembrava a marca do sangue do cordeiro pascal nas portas das casas dos hebreus (Nova Vulgata, 1986, Ex 12,7-13, p. 97), que era sinal prefigurado do sangue do Cristo. Na antiguidade se abençoava casas e Igrejas com o sinal do Tau. Alguns diziam que nas portas assinaladas com o Tau, também eram assinalados os corações (Rahner, 1995, p. 733).

O princípio de um estudo arqueológico parte da ideia de que o Tau e a cruz são semelhantes devido a semelhança que existe da letra T no alfabeto latino. Isso se comprova pela dúvida de São Gregório Magno. Não era muito claro ao papa a letra Tau corresponder à cruz. (Rahner, 1995, p. 727). É provável que na idade média houvesse outro tipo de cruz. Assim o papa conclui que necessariamente a cruz como Tau deveria ser acompanhada de outro símbolo sobre a haste vertical.

As pinturas da antiguidade nos sepulcros cristãos significam a vida eterna na imagem da mística cruz feita com o Tau. É a expressão da fé antiga que assinalava a passagem deste mundo para a eternidade (Vorreux, 1935, p. 79). O mesmo sinal é encontrado e interpretado em estátuas e esculturas presentes no museu de Berlim. Igualmente se diga do estreito significado que existe entre o Tau e a cruz como antena. Este símbolo náutico é confirmado ao longo da história como correspondente ao Tau. Ou seja, a árvore e a antena formam o Tau, assim como a âncora



(Rahner, 1995, p. 728). O sinal do Tau é encontrado na antiguidade cristã como um raro sinal alfabético. Isto porque as antigas representações cristãs mostravam que na orla do manto de Jesus, ou dos homens bíblicos ou dos mártires, era possível encontrar este sinal. Tendo em vista o significado do Tau na antiguidade e da gematria do alfabeto, não se tem dúvida que se trata de um sinal de cruz – um sinal divino. Na forma de Tau samaritano (+) também se encontra desenhada a cruz no manto de Moisés, e a cruz em forma de gancho no manto do anjo de Tobias (Rahner, 1995, p. 730). Enfim, os personagens encontrados desenhados da antiguidade possuem suas roupas pintadas ou com o *iota*, ou o *gamma*, ou a *zeta*, ou o *Tau*.

Existe uma antiga inscrição no batistério vaticano que diz: *Tu cruce suscepta. Mundi vitare procellas* (Campello, 1930, p. 118). Essa inscrição recorda que todo o batizado deve tomar a sua cruz para vencer as tempestades do mundo. Aqui se faz menção da cruz como antena. O Tau também é um símbolo pagão marcado sobre moedas (Campello, 1930, p. 72).

No final do século VIII, na abadia beneditina de santa cruz, existe o mais antigo exemplo da letra T transformada em crucifixão e que forma o início do *Te igitur* do cânone romano. A estampa encontra-se no *sacramentario de Gelone*, presente na biblioteca nacional da França (Ulianich, 1999, vol. 3, p. 313.) Aqui a cruz antecipa o conteúdo do texto. Décênios mais tarde a crucifixão substitui completamente a letra T. Na pintura de Antônio de Monza vista na biblioteca nacional da França, mostra a cena em meio às letras do início do cânone romano de forma antropomórfica, e a serpente abaixo dos pés de Cristo na cruz (Ulianich, 1999, vol. 3, p. 314).

Na biblioteca de Paris está o Tau do *Te igitur* no *sacramentario de Drogone* do século IX. É um T decorado com orives e terminado em quatro painéis. Em volta do Tau existem sete letras que correspondem com as iniciais do cânone romano, sem preocupação de legibilidade. Abel está à esquerda, Abraão à direita e Melchisedec no centro. Estes são os protagonistas de Cristo no Antigo Testamento (Melitão de Sardes; Liturgia horarum, 2000, vol. 2, p. 368). Embaixo da cruz existem dois animais para o sacrifício (Ulianich, 1999, vol. 3, p. 309). Ainda do século IX, o Tau é visto no *sacramentario de Viena* e depois em outros missais. Este se conserva na biblioteca ambrosiana de Milão. Aqui o Tau é definido pela letra T, que forma uma monograma do tipo VD de fundo púrpuro (Ulianich, 1999, vol. 3, p. 309).



No século X, a crucifixão quase tomou o lugar da letra T no *Te igitur* (Ulianich, 1999, vol. 3, p. 310). A estampa se encontra na biblioteca ambrosiana. No mesmo século voltou a ser usado o Tau. Recorda esta mudança o *sacramentario de Udine* e, mais tarde, o *missal beneditino de Praglia*. O desenho é feito a caneta que facilita a sinuosidade serpentina das formas. Aqui tem um retorno à monograma TE (Ulianich, 1999, vol. 3, p. 310). A biblioteca nacional de Braidense é a possuidora de tal estampa. Já na metade do século X no *Missale antiquum plenarium* de santo Eutízio se tem a imagem do Tau e de São Gregório, este em atitude orante (Ulianich, 1999, vol. 3, p. 312). Já na biblioteca capitular de Benevento se vê uma simples monograma TE na parte inferior da folha (Ulianich, 1999, vol. 3, p. 312). Deste mesmo século é a cruz encontrada em Roma e que permanece no museu vaticano. Cristo está pregado de túnica na cruz de Tau. Ao seu lado estão presentes figuras femininas: Maria, sua mãe, e Maria Madalena. João, também ali, segura um evangeliário aos pés do Cristo (Cabrol; Leclerc, 1914-1916, p. 387-388). Entre os séculos X e XI, é vista a crucifixão em cruz de Tau no princípio do cânone romano. Exemplos são o *missal de Londrino*, o *sacramentario de Vercelli* e o *Missal de são Bento*, este último já do século XII (Ulianich, 1999, vol. 3, p. 315-316).

No *Sacramentario* do seminário maior de Firenze do século XII, a crucifixão é apresentada com uma imagem diferente daquela da letra T. Aqui a pintura parece não ter limites. Por exemplo, a letra 'I' vai para o centro da folha, e abaixo da cruz se vê um cálice, um *graal*, onde supostamente foi recolhido o sangue do Cristo (Ulianich, 1999, vol. 3, p. 316). No mesmo século a figura de santo Estevão em adoração ao Tau se encontra no *Missale-Breviario* (Ulianich, 1999, vol. 3, p. 313). Na cruz se vê um animal, parecido com um cachorro que carrega a cruz – sinal de fidelidade. Mas surge um outro animal, e este aparece sacrificado sobre ela. Tem posse desta estampa a mesma biblioteca capitular de Benevento. Num museu abacial da Alemanha o Tau é visto na fachada de uma casa feito com o sangue do cordeiro. A interpretação é que o cordeiro mata os inimigos, isto é, as pragas do Egito (Vorreux, 1935, p. 81). Ainda na idade média o cordeiro do Apocalipse é ladeado por justos que têm marcada em suas testas a figura do Tau (Vorreux, 1935, p. 84). No *missal de Bianca Maria Visconti* existe uma estampa de composição anônima que apresenta um sacerdote que celebra a missa diante do grande Tau, assistido por dois clérigos. O Tau também é a inicial do *Te igitur* do cânone romano se encontra no missal de 1929 (p. 293).



4 O Tau na liturgia

Na liturgia o sinal da cruz é selo, *signum* de Cristo; é profissão de fé, segundo Santo Agostinho; é afirmação da soberana potência de Cristo contra os maus espíritos; é invocação da graça de Deus; é bênção de coisas e pessoas. Este sinal da cruz aparece já no *Ordos Romano I* (Righetti, 1964, v. 1, p. 373).

4.1 Na Eucologia

Na liturgia romana, durante a quaresma, são celebrados os escrutínios para o batismo de adultos. Em referência ao dia que se realiza o segundo escrutínio, exatamente na oração *super oblata*, se pede que as ofertas sejam remédio eterno para a salvação. Aqui se recorda a serpente levantada no deserto como sinal de remédio e salvação para o povo ainda em caminho. Do mesmo modo os batizando recebendo deste remédio devem caminhar rumo ao céu. O conteúdo eucológico lembra que Deus faz da serpente na haste um sinal de cura, de remédio – prefigurando a cruz salvadora (*Missale Romanum*, 2002, p. 975). O mesmo tema aparece na oração *super oblata* da segunda-feira santa (*Missale Romanum*, 2002, p. 285). E continua na *post communionem* dizendo que todos devemos conservar pela proteção de Deus os remédios da salvação que provém da sua misericórdia (*Missale Romanum*, 2002, p. 285). Já no dia do terceiro escrutínio, celebrado no quinto domingo da quaresma, na oração *post communionem*, se pede que o povo se volte, se una de coração a Deus, seja protegido de todo o mal e tenha a salvação. A respectiva oração novamente recorda o povo do deserto que é salvo ao se voltar para a haste com a serpente – essa referência se dá também ao Cristo, que levantado da terra atrai todo olhar (*Missale Romanum*, 2002, p. 977). O mesmo tema de atração à cruz se tem na *antífona ad communionem* da terça-feira da quinta semana da quaresma e também na atual festa da santa cruz. Recorda que Cristo atrairá todas as coisas quando for exaltado da terra (*Missale Romanum*, 2002, p. 260, 829). Como Isaac carregou sobre suas costas a lenha para o seu sacrifício, também Jesus a carregou – figura da haste horizontal da cruz de Tau. Igualmente na *antífona ad communio* da sexta-feira da quinta semana da quaresma menciona-se que o Cristo carregou os pecados em seu corpo na cruz, a fim de que todos fossem curados por suas chagas (*Missale Romanum*, 2002, p. 265). Durante a adoração da cruz na Sexta-Feira Santa se canta o *Hymnus da Improperia*. Segundo a tradição litúrgica ele foi composto em Jerusalém no século IV



e aparece no *Pontifical de Prudência de Troyes*. Nele se faz memória do cordeiro que foi levantado na cruz. É uma fusão dos temas da serpente e do cordeiro (*Missale Romanum*, 2002, p. 328).

4.2 Textos bíblicos proclamados

4.2.1 Festa da santa Cruz

A primeira leitura é tirada do livro dos *Números* 21,4b-9 (Nova Vulgata, 1986, p. 223). Recorda o povo no deserto que, por causa dos seus pecados, começa a ser mordido por serpentes venenosas. E Moisés, a pedido do Senhor, ergue uma serpente de bronze sobre uma haste. Aquele que olhasse para a serpente depois de ser envenenado, era curado. Essa haste que ergue a serpente é *tipo* da cruz de Cristo. O *evangelho de João* 3,13-17 (Nova Vulgata, 1986, p. 2009), proclamado nesta festa, recordará que assim como a serpente que é levantada no deserto, será também o Filho do homem. E todos os que crerem nEle terão a vida eterna.

4.2.2 Quinta semana da quaresma e semana santa

A primeira leitura da terça-feira da 5ª semana da quaresma é também tirada do livro dos *Números* 21,4b-9 (*Ordo Missae celebrandae et officii persolvendi*, 2011-2012, p. 78). Na sexta-feira da paixão do Senhor se lê o profeta *Isaias* 52,13-53,12 (Nova Vulgata, 1986, p. 1341). Nos versículos 4 e 5 do capítulo 53, o profeta recorda que o Servo carregou sobre si as culpas, os pecados, as enfermidades (*Ordo Missae celebrandae et officii persolvendi*, 2011-2012, p. 85). E fazia isto a preço de nossa cura, ou seja, se tornava remédio para sanar-nos. Carregar sobre si o peso, o fardo para ser sacrificado, é justamente o que fez Isaac e o Cristo. A segunda leitura da vigília pascal tirada do livro do *Gênesis* 22,1-18, dirá sobre o sacrifício de Isaac (*Ordo Missae celebrandae et officii persolvendi*, 2011-2012, p. 86). O versículo 6 refere-se à haste horizontal do Tau, simbolizada pela lenha colocada nas costas de Isaac e que serviria para o holocausto (Nova Vulgata, 1986, p. 31).

4.3 Liturgia das Horas

A festa da exaltação da santa cruz faz recordação do Tau nas preces de laudes. Faz referência a Jesus que é levantado como serpente de



bronze, que cura do veneno do pecado e nos conduz à felicidade (Liturgia das Horas, 2000, vol. 4, p. 1205).

4.4 Tradição litúrgica romana

O sinal da cruz sacramental é lembrado nos cânones apostólicos dos primeiros séculos, principalmente no sacramento do batismo (Campello, 1930, p. 115). A *Traditio apostólica* diz que o sinal da cruz é feito na frente para vencer Satanás (Righetti, 1964, vol. 1, p. 368). Um hino do século XII dedicado à santa cruz cantava a proteção dos israelitas contra o anjo exterminador mediante a marca do Tau nas portas de suas casas (Rahner, 1995, p. 734). Na festa da invenção da santa cruz, antigamente celebrada a 03 de maio, também era proclamado *João 3,1-15*. É o diálogo de Jesus com Nicodemos. Falam sobre o batismo. E às palavras *et sicut Moses exaltavit serpentem in deserto ita exaltari oportet Filium hominis*, (Nova Vulgata, 1986, Jo 3,14, p. 2009), Jesus lhe explica que deve ser levantado como a serpente de bronze no deserto.

4.5 Liturgia Híspano-Mozarabicum

Na festa da invenção da santa cruz, celebrada no rito hispano-mozarabicum, a liturgia faz recordação do Tau. Na *Oratio admonitionis* se pede a Deus que os homens bebam do remédio jorrado do lado de Cristo na cruz e expurquem, anulando de seu coração, o veneno da serpente da primeira criação (Missale Hispano-Mozarabicum, 1994, p. 340).

5 A doutrina teológica da cruz de Tau

São Justino, primeiro teólogo da cruz, dirá no *Diálogo con Trifon*, que a cruz estava já anunciada nas escrituras, entre outros sinais, como serpente levantada no deserto (Pikaza, 1992, p. 325). Dizia ele também que os braços estendidos de Moisés assumiram uma figura que imita a cruz; e para a salvação daqueles que tem fé, a serpente no deserto foi levantada como figura e salvação (Ulianich, 1999, vol. 1, p. 150). Ele sabia do significado do Tau hebraico como cruz. Por isso, fala deste sinal na testa do cristão como memória daquela que fora feito na testa dos moribundos de *Ezequiel 9,4* (Rahner, 1995, p. 697). Ele não reforça isso usando de interpretações rabínicas, mas somente se estruturando sobre as fontes escriturísticas que determinam tal gesto. E ainda, que a letra



Tau tem um significado dialético. Em primeiro momento ela é sinal de morte e vergonha, segundo a interpretação grega; mas é para os cristãos o sinal da cruz gloriosa (Rahner, 1995, p. 703). Vida e morte se escondem debaixo do mesmo sinal.

Cromácio de Aquileia lembrará que a cruz é o *iota* e o ‘til’ (~) unidos. Esta imagem lembraria que nada da lei e dos profetas deveria ser esquecido (Rahner, 1995, p. 693). Isto é, o Antigo Testamento apresenta uma imagem daquilo que foi o instrumento de morte e glorificação de Jesus. Mais tarde, assim como ele, São Gregório de Nissa, baseou-se em *Mateus* 5,18, para afirmar a mesma ideia (Rahner, 1995, p. 692).

Orígenes estudou o Tau a partir de *Ezequiel* procurando respostas no *talmud*. Descobriu que o Tau significa ‘perfeição’ e ‘totalidade’, porque ele é o início da palavra *Torá* – que significa a totalidade da lei. Descobriu igualmente que o Tau prefigura a cruz do Redentor e, ao mesmo tempo, é o sinal dos primeiros cristãos, feito na testa durante as orações e leitura da escritura (Rahner, 1995, p. 699). Orígenes, autor da obra *Delecta in Ezechielis* (Urech, 1995, p. 72), aprofunda, entre outros temas, o sentido da cruz. Dizia ele que 300 faz referência aos 300 braços da arca de Noé. Ao contrário de significar morte e flagelo, o Tau significa a encarnação da vida e o seu cumprimento. Afirma que sob estes aspectos o Tau grego se relaciona com o hebraico, ou seja, como a finalidade e cumprimento de toda a lei. Portanto, o Tau é 300, é perfeito, é cumprimento da vida em um único sinal: o da cruz (Rahner, 1995, p. 701).

Numa tradição atribuída a Jerônimo, mas interpretada por Minúcio Félix sobre o evangelho de *Marcos*, figura a cruz como imagem presente em todo universo. A estrutura do mundo estaria imersa no mistério da cruz. E o Tau seria a antena que guiaria a barca da vida, seria a salvação (Rahner, 1995, p. 693).

Com o passar dos tempos o Tau foi visto como vida e morte. Seria sinal de morte enquanto designado condenação para os escravos; mas seria sinal de vida para aqueles que ainda não haviam morrido. Sobre este último, diz Isidoro de Sevilha que, quando um soldado romano era ainda vivo em batalha, um Tau era colocado diante do seu nome. Isso simbolizava que aquela pessoa ainda lutava (Rahner, 1995, p. 702).

A primeira vez que o Tau é definido como número 300 e, ao mesmo tempo, cruz do Senhor, é no século I pelo Pseudo-Barnabé. Ele, para explicar o sentido espiritual deste número, faz uma adaptação artística



sobre duas partes do livro do *Gênesis*. A primeira diz que Abraão saiu com 300 homens para libertar Lot (Nova Vulgata, 1986, Gn 14,14, p. 21). E, depois, que circuncidou 18 servos, fez a mesma coisa a 300 outros. O número 18 significaria: o *iota* – que equivale a 10; e o *Eta*, que é o mesmo que 8 – neste se dá o princípio do nome ‘Jesus’. E a graça futura e totalizante contida no Tau é simbolizada pelo número 300. Esta não é uma interpretação feita contra a teoria geométrica judaica daquele tempo (Rahner, 1995, p. 705). Mas o autor faz uma leitura dos 318 para justificar a cruz e Jesus.

São Clemente de Alexandria fundado sobre a ótica do pseudo Barnabé e dos pitagóricos, diz que os 300 servos fazem alusão ao *semeion* do Senhor, ou seja, seu sinal. Afirma que aqueles que foram para o campo de batalha e pertencem a Abraão, são sinais porque recorrem ao nome do Senhor; estes são chamados de patrões sobre seus prisioneiros de guerra – pagãos incrédulos (Rahner, 1995, p. 706).

Todos estes textos partiram de *Ezequiel* 9,4, porém foram acrescentados outros textos que correspondiam a *Juízes* 7,7-8 (Nova Vulgata, 1986, p. 356) – sobre os 300 soldados de Gedeão – e o número do preço do unguento precioso em *João* 12,5 (Nova Vulgata, 1986, p. 2030).

Antes de Orígenes, Tertuliano já defendia a ideia doutrinal que mais tarde passará para toda a história da Igreja. Afirma que a fê no Messias crucificado é prefigurada no Antigo Testamento. Em outras palavras, Tertuliano diz que todo cristão assinalado com a cruz, se porta como um imitador do próprio Cristo (Leclerc, 1914-1916, vol. 13, p. 3057; Ryken; Wilhoit; Longman, 2006, p. 345). Entende também que este sinal é aquele que separa cristãos de pagãos e judeus (Rahner, 1995, p. 709). É por ele que a doutrina da Igreja sobre o Tau começou a ser trabalhada, pois o número 300 é o sinal daqueles que aderiram ao perfeito: Cristo.

O sinal do Tau, é sinal do soldado que sobrevive e vive a vida venturada. Assim, Máximo de Turim dizia que se é preciso se alegrar, jubilar e glorificar a Deus por tão grande arma contra os demônios, (Rahner, 1995, p. 711) marcada invisivelmente na testa do cristão.

Rahner (1995, p. 712) afirma que um escritor africano do século III fez estudos numéricos sobre o Tau do qual Ambrósio é de acordo. Trata-se de uma visão tipológica feita do livro de *Gênesis*. Os servos de Abraão seriam o tipo dos futuros crentes, e o seu número se referiria à cruz e ao nome de Jesus; e a vitória destes crentes seria a vitória da graça



da eleição. Essa leitura pode não ter proveniência em Orígenes, mas é indiscutível para os refutadores do cristianismo que esta interpretação seja genuinamente cristã.

Enquanto Santo Ambrósio afirmava que o Tau era ‘o móvel’ ou ‘o acabado’, por ser a última letra do alfabeto, Jerônimo preferia ficar com a ideia de que ele fosse apenas um sinal (Rahner, 1995, p. 698).

Para Agostinho, o Tau simbolizará um sinal invisível não corpóreo que distingue os bons dos maus, como já havia mencionado *Ezequiel*. O sinal da cruz para o cristão o separa dos judeus e dos heréticos. Com a marca do Tau se luta contra as forças negativas e confusas da doutrina. É também por este sinal que se dá a eleição da graça para a vitória (Rahner, 1995, p. 710-711). Agostinho usou da explicação do Tau como cruz. Fez uma alusão à sua força sobrenatural se referindo que esta abraça todos os povos, inclusive judeus e gregos, segundo a expressão paulina (Nova Vulgata, 1986, Rm 2, 9-10, p. 2115). Segundo ele, os 318 assinalados com o Tau eram um número significativo, que prefigurava a inteira graça do crucificado que atinge todo homem (Rahner, 1995, p. 713).

Gregório de Elvira, contemporâneo de Ambrósio, explica a alegoria dos homens de Gedeão, afirmando que tudo no Antigo Testamento é um mistério em relação a Cristo (Rahner, 1995, p. 720). Abraão, segundo *Gênesis*, foi vitorioso por causa da cruz – 318 servos. E sobre esta leitura alegórica, há duas aplicações: uma histórica e outra ascética. O grande patriarca teria vencido com sua cruz cinco reis. Da mesma forma os cristãos devem pelo místico sentido da cruz vencer os seus cinco sentidos. Tanto Prudêncio como Fausto de Riez apresentam a vitória sobre os cinco sentidos usando o sinal da cruz e o nome de Jesus (Rahner, 1995, p. 714).

No Concílio de Niceia houve discussões sobre como desenvolver doutrinamente esta interpretação da cruz como Tau, como 318, como perfeição. Porém estiveram presentes naquele Concílio 318 bispos. Por isso, não se sabe ao certo se esse número foi resumido ou associado aos 318 bispos presentes para simples justificação da cruz como Tau. Santo Ambrósio, sempre alegórico nos seus ensinamentos, usou desta mística numérica para reforçar a doutrina do Pseudo-Barnabé. Dizia ele que os 318 bispos de Niceia são os vencedores da batalha de Abraão. Aqui Ambrósio faz uma menção da cruz como troféu, pois com a cruz e o nome de Jesus se vence a batalha (Rahner, 1995, p. 715-716). Assim, os 318 bispos seriam os vencedores da batalha contra os inúmeros inimigos da fé. Quanto aos 300 soldados de Gedeão, os santos padres não fizeram



a mesma interpretação. Mas Orígenes vê que Gedeão é tipo de Cristo e os seus 300 soldados são o modelo exemplar dos poucos assinalados na eleição misericordiosa do Senhor descrita em *Mateus: sic erunt novissimi primi et primi novissimi multi sunt enim vocati pauci autem electi* (Nova Vulgata, 1986, Mt 20,16, p. 1882) *multi autem sunt vocati pauci vero electi*, (Nova Vulgata, 1986, Mt 22,14, p. 1886) – muitos são os chamados e poucos os escolhidos. Já a batalha é imagem da guerra contra os demônios. A descida no vale dos inimigos é a descida de Cristo ao inferno junto com os vencedores pela cruz (Rahner, 1995, p. 718). O autor ainda enfoca que Gedeão dividiu em três grupos de cem homens para ir guerrear. As três partes iguais seriam a Santíssima Trindade, pois a fé na Trindade é substancialmente ligada à força da cruz. Afirma igualmente que a simplicidade do Tau manifesta Deus, a lei e os profetas (Ulianich, 1999, vol. 1, p. 150). Por fim, em todas estas afirmações existem os tipos místicos-numéricos (Rahner, 1995, p. 719).

Para os Padres gregos não havia dificuldade de entender que, apesar das correspondências numéricas da letra Tau, esta certamente era a cruz (Leclerc, 1914-1916, vol. 13, p. 3062). Mas é preciso analisar que a mística numérica da letra Tau, vinda da antiga Igreja grega, é espalhada por toda a Igreja latina.

Hipólito, sobre a interpretação do número 300, faz referência ao que diz os evangelistas *Marcos* e *João* (Nova Vulgata, 1986, Mc 14, 4-5, p. 1872; Jo 12,5, p. 2030). Estes se referem aos 300 denários do precioso perfume que a mulher utilizou para ungir Jesus. Hipólito dizia que este unguento era o próprio Jesus e o seu preço era o da cruz – 300. Também Ambrósio usará da mesma alegoria para falar do unguento da Madalena (Rahner, 1995, p. 722).

Já na idade medieval, Máximo Confessor tenta fazer uma teologia do Tau como sinal do número 300 e o sinal da cruz. Ele usa de *Neemias* para dizer que o número daqueles que haviam retornado da Babilônia correspondiam àqueles que tinham ganhado à batalha (Nova Vulgata, 1986, Ne 7, 66-67, p. 726). Beregonso de Triviri desenvolverá a ideia mística dos 300 siclos que José dá ao seu irmão Benjamim (Nova Vulgata, 1986, Gn 45,22, p. 70). A alegoria parte do fato que José só poderia fazer isto em vista dos futuros acontecimentos em Cristo. Isidoro de Sevilha defende a ideia de que Abraão e seus servos e os homens de Gedeão se referem ao mistério da cruz (Rahner, 1995, p. 724). Pode-se dizer que a época medieval é marcada pela alegoria iluminada dos santos padres. O



Tau é o *signum* para os gregos, e este é sinal da cruz para os escritores e pregadores da idade medieval. Rabano Mauro, abade e conhecedor da gematria e das letras da antiguidade cristã, fez um estudo sobre as letras do alfabeto grego que simbolizam a cruz, e estas, segundo os textos patrísticos, possuem o mesmo valor numérico válido para a gematria cristã, e concluiu que o tau (T) – é o mesmo que 300 e significa *caritas* (Rahner, 1995, p. 730).

Segundo Inocêncio III, a cruzada que deveria sair de Veneza naquela época, deveria ser assinalada pelo sinal do Tau, o mesmo de *Ezequiel*. E no IV Concílio Lateranense ele diz que o Tau é: assinalação da frente, última letra do alfabeto hebraico, forma de cruz, é o Senhor crucificado. Dizia que a parte transversal do Tau significa o título que sinala a cruz. A letra T latina colocada sobre a letra Tau tende a mostrar misticamente que é o sinal da cruz em ambos os alfabetos (Rahner, 1995, p. 726). É por isso que os missais foram adornados com este sinal, porque Inocêncio via na letra T o sinal da providência de Deus na vida da Igreja. Esta é a razão pela qual é possível encontrar este sinal T nos livros litúrgicos do período medieval.

6 Dois sentidos do sinal da cruz na tradição da Igreja

Num primeiro sentido bíblico dito em *Marcos, Mateus e Lucas*, o cristão é chamado a tomar a sua cruz e seguir Jesus (Nova Vulgata, 1986, Mc 8,34-9,1, p. 1921; Mt 10,38-39, p. 1865; Lc 9,23-27, p. 1965), ou seja, ser discípulo. Como a cruz é inseparável de Cristo, a cruz também é inseparável do cristão (Ramos, 2001, p. 251). Por isso, São Paulo dirá que somos perseguidos pela cruz de Cristo (Nova Vulgata, 1986, Gl 6,12, p. 2180).

Os primeiros cristãos não abraçaram rapidamente este sinal como seu. Mas com o tempo ele começou a fazer parte de uma experiência profunda de fé. Bartolomeu Sorio afirma que tanto cristãos como hebreus, nos primeiros séculos, levavam o Tau pendurado ao pescoço. Era uma atitude devota que correspondia com as diversas intenções segundo a respectiva fé (Campello, 1930, p. 72). Era uma maneira de manter a proximidade com Deus. Portanto, este é apresentado como segundo sentido: a cruz como um sacramental.

A partir disso, tem-se que o primeiro texto conciliar referente à cruz, é de 692, provindo do Concílio de Constantinopla. Este exige que



os fiéis coloquem a mão na cruz para receber a eucaristia. Este uso foi tomado, mas logo rejeitado por alguns pastores protestantes liturgistas do século XVIII. Na Igreja católica o uso foi abandonado desde quando os fiéis não foram mais autorizados a tocar a hóstia consagrada (Urech, 1995, p. 72). Por outro lado, nenhum Concílio jamais exigiu que se fizesse o sinal da cruz. Este sempre foi um gesto espontâneo da fé dos cristãos e, por isso, ainda mais evidente a sua antiga tradição.

O sinal da cruz não é somente do sacerdote. Todo cristão deve santificar o seu dia com este sinal. Tertuliano, um dos mais antigos padres que escreveu a respeito da cruz no *De coronas militis*, (Urech, 1995, p. 72) afirma que no princípio e no progresso de cada ação, no entrar e no sair, no vestir-se ou calçar-se, no banho ou na mesa, ao acender das luzes, ao deitar ou em qualquer situação e ocupação, se deve traçar sobre a frente o sinal da cruz (Campello, 1930, p. 116; Righetti, 1964, vol. 1, p. 70; Leclerc, 1916, vol. 15, p. 1994). Mais tarde Cirilo de Jerusalém concordará com ele (Righetti, 1964, vol. 1, p. 368). A cruz é essencial na vida do Cristo e do cristão, segundo São Clemente de Alexandria (Pikaza, 1992, p. 323). Por isso é objeto de culto.

Nos escritos de Hipólito se encontra menções sobre o ato de ungir o batizando traçando o sinal da cruz sobre a boca, o peito, os ouvidos e a frente (Campello, 1930, p. 115). Também diz que este sinal vence satanás e glorifica a fé, porque assim fez Moisés quando traçou as portas das casas dos hebreus com sangue do cordeiro. O sangue do cordeiro é o sangue de Cristo que salva! É preciso crer neste sangue e traçar o sinal da cruz, pois ali está impresso todo o mistério do Redentor.

Alguns textos patrísticos recordam a forma primitiva de traçar este sinal do qual ainda hoje é usado na liturgia – como traçar o sinal da cruz com o polegar ou o dedo indicador sobre a frente, os lábios e o coração (Righetti, 1964, vol. 1, p. 368). Este sinal é chamado pelos santos Padres latinos de *signum*, *signaculum*, *tropaeum*. E pelos Padres gregos de *simbalon* (Righetti, 1964, vol. 1, p. 368). Este sinal é o mesmo que se usa na missa, no ofício, nos sacramentos e sacramentais.

Santo Ambrósio afirma que este sinal se faz sobre a frente para confessar Cristo; sobre o coração porque se deve amar; e sobre os braços porque se deve trabalhar pra Deus. E traçar com saliva sobre as pálpebras, para lembrar o evangelho (Campello, 1930, p. 115).



Santo Agostinho diz que com o sinal da cruz se consagra o corpo do Senhor, se santifica a fonte batismal, são ordenados os sacerdotes e os outros ministros. Enfim, se consagra tudo com a invocação do Cristo (Righetti, 1964, vol. 1, p. 367).

Os textos antigos recordam que o sinal da cruz está em relação com o Tau – não do alfabeto grego escrita com τ , mas aquela do alfabeto hebraico que se refere ao ω do grego e que designa Deus ‘a última perfeição’ proveniente do texto bíblico de *Ezequiel* (Righetti, 1964, vol. 1, p. 368).

No Oriente existe a prática de abençoar não com a mão, mas com a cruz.

A *Admonitio Synodalis* do século IX, instrui os sacerdotes a darem a bênção sobre o cálice e às pessoas com o sinal da cruz usando os três dedos da mão, justamente para mostrar com maior exatidão que é a Trindade que abençoa. Este gesto certamente foi abraçado pelos fiéis que começaram a se assinalar com três dedos (Righetti, 1964, vol. 1, p. 369).

Antes do século X, o sinal da cruz era feito da frente ao peito, da esquerda para direita. Se fazia usando três dedos abertos e dois fechados. Esta tradição é provinda dos antigos mosteiros, mas já era realizada como prática devocional desde o século V. Porém mais tarde, o sinal da cruz começou a ser feito da direita para a esquerda, segundo um ensinamento de Inocêncio III: *ita ut a superiori descendat in inferius et a dextra transeat ad sinistram*. É no século XVI, que a maneira de se assinalar com a cruz volta na liturgia como aquela do passado: da esquerda para a direita. A fórmula de dizer enquanto se assinala é bíblica: *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti* (Righetti, 1964, vol. 1, p. 370).

A cruz é um dos poucos símbolos universais (Aldazábal, 1986, p. 133). Com as palavras que se diz enquanto se traça o sinal sobre a cabeça e o peito, se exprime o mistério da Trindade e da unidade, como também figura a paixão do Senhor (Campello, 1930, p. 115).

Na vida monástica a cruz teve sempre grande acento. Iniciado por São Pacômio no século IV, inúmeras comunidades religiosas e também a piedade popular, expandiram a imagem e a devoção à cruz (Vorreux, 1935, p. 84). Mas a espiritualidade centrada na devoção particular se deu na idade média (Fiores; Goffi, Guerra, 1991, p. 371-372). Nesta época os monges do oriente carregavam o Tau debaixo de seu hábito monástico. A mesma letra é a sigla franciscana (Vorreux, 1935, p. 74-75). São



Francisco teria traçado em vermelho sobre um pergaminho a marca do Tau durante os seus últimos dias de paixão, com a mão estigmatizada, (Campello, 1930, p. 73), pois tinha devoção à cruz de São Damião, que é um Tau (Atti del Congresso Internazionale, 1975, vol. 2, p. 39). Na idade média se traçava um sinal de Tau na testa dos penitentes (Vorreux, 1935, p. 79-80).

A cruz hoje é um símbolo comum: é a cruz que preside a celebração; que precede a procissão e convida a assembleia a se reunir; está presente nas casas de família; os bispos a carregam sobre o peito e o papa a tem como báculo; a cruz é usada como ornamento levada no pescoço; os vários sinais de cruz feitos sobre pessoas e coisas: antes de comer, ao dormir e levantar, ao início e fim da Missa, etc. (Aldazábal, 1986, p. 133-134). Na cruz se resume todo mistério de Cristo. A cruz ilumina o caminho, vence o mal, apresenta Deus, é imagem concreta do amor, dá esperança, assegura a vitória de Cristo, é profissão de fé, é sinal de pertença a Deus, faz sentir-nos salvos por Cristo (Aldazábal, 1986, p. 134-138). Porque o cristianismo celebra Cristo morto e ressuscitado, a cruz é o arquétipo eminente da ação salvífica de Deus e o modelo da resposta do homem. Alguém que faz o sinal da cruz interioriza este gesto, leva para dentro de si o mistério da paixão de Cristo e testemunha o seu significado com a vida e a prática cristãs (Fiores; Goffi; Guerra, 1991, p. 366).

Conclusão

Entre os judeus o Tau é sinal da profissão de fé no Deus de Israel e, ao mesmo tempo, sinal de esperança na sua proteção (Boggiano, 2003, p. 246-247). O Tau, por outro lado, é o sinal da propriedade de Deus anunciada de diversos modos no Antigo Testamento: em Êxodo 12,2; e também no Novo Testamento: *Apocalipse* 7,3; 13,16; 17,5 (Urech, 1995, p. 72).

Mas para o cristianismo, com o passar dos tempos, o Tau deixa de ser só um sinal, e passa a ser interpretado pelos teólogos e pela patrística, como uma imagem que marca a vida dos homens, daqueles que lutam. O Tau passa a ser visto como a cruz da qual vem doada a morte humana de Deus crucificado (Rahner, 1995, p. 703). É uma epifania de Deus e, ao mesmo tempo, o seu projeto invisível que sustenta todas as coisas criadas; é a luz que surge em meio às trevas (Pikaza, 1992, p. 325); é a salvação e o remédio em meio ao deserto do mundo. O Tau é símbolo evidente da cruz, de salvação, predestinação e ascese (Campello, 1930, p. 72).



Tem-se que o sentido vertical da cruz representa a hierarquia – é a síntese do homem total e universal. Enquanto a dimensão horizontal corresponde às indefinidas modalidades possíveis de um mesmo estado de ser assunto integralmente (Guénon, 2006, p. 30). Além disso, a cruz é o símbolo de todos os quatro pontos cardeais e de orientação para os distintos planos da existência do homem. Sua função é de síntese e medida. Une céu, terra, tempo e espaço. O sentido vertical da cruz une céu e terra – e o horizontal, a terra inteira. O Tau é uma cruz sem ponta, chamada também cruz de Antônio que era para as civilizações orientais um sinal de distinção divina. Significa a serpente cravada a uma estaca. E a vara horizontal é o lenho do sacrifício, aquele que Isaac havia levado sobre seus ombros para ser sacrificado (Boggiano, 2003, p. 246).

Contudo, a letra Tau e a cruz possuem correspondências que, sob interpretação teológica, irradiam a imagem da barca que é guiada para porto seguro. Assim como Abraão conseguiu a vitória e Noé conduziu a arca assegurando a vitória e a vida simbolizados pelo Tau, também todos quantos são assinalados pela cruz recebem a saúde espiritual, remédio para o pecado e assinalados para a vida.

Referências

ATTI DEL CONGRESSO INTERNAZIONALE ROMA. *La sapienza della croce oggi*. Vol. II. Leuman-Torino: Elledici, 1975.

ALDAZÁBAL, José. *Simboli e gesti: significato antropologico, biblico e liturgico*. Leumann-Torino: Elledici, 1986.

BOGGIANO, Ana Lia B. *Del conocimiento visible al amor de lo invisible*. Argentina: Lúmen, 2003.

CAMPELLO, Giustina Guala. *Il valore della croce prima e dopo Gesù*. Roma: Desclée & Editori pontifici, 1930.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dizionario dei simboli*. Vol. I. Milano: Editions Roberto Laffont S. A., 1999.

CONFERENCIA EPISCOPAL ESPANHOLA: Arzobispado de Toledo. *Missale Hispano-Mozarabicum*. Barcelona: Quatricomia, 1994.

CABROL, Fernand; LECLERC, Henri (ed.). *Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie*. Paris: Letouzey, 1914-1916.



- RAMOS, Felipe Fernandez. *Diccionario de Jesús de Nazaret*. Burgos: Monte Carmelo, 2001.
- DONGHI, Antonio. *Gesti e parole nella liturgia*. Vaticano: LEV, 2007.
- URECH, Edouard. *Dizionario dei simboli cristiani*. Roma: Arkeios, 1995.
- PIKAZA, Xabier. *Diccionario teológicos: el Dios Cristiano*. Salamanca: Secretariado trinitário, 1992.
- GUÉNON, René. *Il simbolismo della croce*. Firenze-Milano: Luni editrice, 2006.
- LITURGIA HORARUM. Vol. II e VI. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 2000.
- JOÃO PAULO II. *Missale Romanum*. Editio typica terza. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 2002.
- PIO V. *Missale Romanum*. Editio quarta pos typicam. Roma: Typis polyglottis vaticanis, 1929.
- FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo; GUERRA, Augusto (ed.). *Nuevo diccionario de espiritualidad*. Madrid: Paulinas, 1991.
- NOVA VULGATA. *Bibliorum Sacrorum*. Editio typica altera. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 1986.
- ORDO MISSAE celebrandae et officii persolvendi secundum calendarium romanum generale. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 2011-2012.
- RAHNER, Hugo. *Simboli della chiesa: l'ecclesiologia dei Padri*. Milano: San Paolo, 1995.
- RIGHETTI, Mario. *Storia liturgica*. Milano: Ancora, 1964.
- ULIANICH, Boris. *La Croce: iconografia e interpretazione*. Vol. III. Napoli: Elio de Rosa editore, 1999.
- VORREUX, Damien. *Tau*. Simbolo francescano. Padova: Messaggero Padova, 1935.